

Dossiê

“Marxistas, maníacos e lunáticos”: as retóricas das novas direitas sobre a dominação das esquerdas nas universidades dos Estados Unidos da América (EUA)

Marco Aurélio Dias de Souza¹
Camila de Jesus Oliveira²

Resumo

As novas direitas estadunidenses defendem que a educação contemporânea está em crise devido à dominação esquerdista. A partir da perspectiva de Albert Hirschman, o artigo identifica três teses reacionárias que são mobilizadas contra a educação contemporânea, sendo elas: a negação do outro; a falta de pluralismo; e a perseguição. O presente artigo, então, analisa a produção de David Horowitz, um dos principais intelectuais das novas direitas estadunidenses, para ilustrar essas teses. As observações indicam que as teses reacionárias sobre a educação são importantes para compreender a atuação das novas direitas no campo educacional. Essas teses são mobilizadas para legitimar o ataque à educação pública e à diversidade, e para promover uma educação conservadora. Palavras-chaves: novas direitas; educação; teses reacionárias; David Horowitz.

Introdução

Quando Albert Hirschman (1992) publicou seu livro seminal sobre a economia-política reacionária, disponibilizou uma ferramenta analítica poderosa para os estudos sobre as novas direitas. O autor, a partir da demarcação de três retóricas, a tese da perversidade, da futilidade e a da ameaça, trouxe elementos para a compreensão da forma como as ideias conservadoras/reacionárias foram mobilizadas contra os programas sociais e a implementação de direitos civis. Refletindo a respeito da importância desse trabalho, esse artigo é o primeiro de uma série de textos que intenta trazer luz sobre a atuação das novas direitas³ no campo da educação. Para isso, se debruça sobre uma re-

- 1 Universidade Federal de Sergipe, Campos Alberto Carvalho, Departamento de Educação de Itabaiana; Itabaiana, Sergipe, Brasil; E-mail: marcodias@academico.ufs.br <https://orcid.org/0000-0002-4201-1600> CredIt: Conceitualização, Metodologia e Escrita do Rascunho Original
- 2 Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Sergipe, Brasil. E-mail: oliveiracamilaj@gmail.com <https://orcid.org/0009-0005-6464-773X> CredIt: Conceitualização, Metodologia e Escrita do Rascunho Original
- 3 A opção pelo termo novas direitas decorre da pluralidade de correntes e momentos históricos destacados ao longo do artigo, com a presença de autores neoconservadores, paleoconservadores, libertários e conservadores religiosos (o que ficou conhecido especificamente com nova direita americana surgida na década de 1960-1980) e outros que vem sendo definido nos EUA como Alt-Right, Far Right ou Hard Right.

tórica constantemente reproduzida por lideranças conservadoras/reacionárias que afirmam que a educação vive sua crise devido à “dominação de uma elite esquerdista” que, abandonando uma suposta neutralidade do “campo educacional”, o politizou e transformou em uma arena de batalha para questões políticas e culturais.

Diante dessa questão inicial, o artigo se concentra nas novas direitas estadunidense, propondo uma análise do pensamento conservador/reacionário sobre a educação, que segue o modelo utilizado por Hirschman (1992), ao pensar três novas teses reacionárias para servirem de fio condutor para as análises, sendo elas: a) a negação do outro, contrapondo-o à tradição ocidental; b) a ideia de que a educação contemporânea não é plural por excluir a tradição e a religiosidade; c) as narrativas de que existe uma perseguição a todos que se posicionam contra a educação liberal hegemônica.

A intenção ao demarcar essas três retóricas se dá pela especificidade do campo, que demanda mostrar como elas são reproduzidas por intelectuais conservadores/reacionários e se consolidam em discursos políticos e tentativas de aprovar legislações. Para delimitar ainda mais a intenção desse texto, é importante apontar que o recorte foi construído ao redor da produção de David Horowitz, a partir da atuação do *Students for Academic Freedom* e na proposta de projeto de lei (*Academic Bill of Right*), encaminhada no início dos anos 2000 para Universidades e, em 2004, para votação na assembleia do estado do Colorado. Junto a esse material, utiliza alguns discursos recentes do ex-presidente e atual pré-candidato à presidência Donald Trump, assim como fontes secundárias para contextualizar o debate nos EUA e, para isso, se centra em uma pesquisa bibliográfica produzida por alguns dos principais nomes das novas direitas que se debruçaram sobre a ideia de crise das universidades e da educação nos EUA, como: Alan Bloom (1989), Gertrude Himmelfarb (1995), D’Souza (1991), David Horowitz (2009), Ben Shapiro (2020), entre outros.

Dessa forma, o artigo inicia-se com uma rápida contextualização da relevância e atualidade do tema, demonstrando como a discussão foi gradualmente inserida na história dos EUA, para, em seguida, analisar as propostas da produção de Horowitz e destacar sua importância dentro do debate realizado pelas novas direitas nos EUA.

Retóricas conservadoras e a educação

No dia 17 de setembro de 2020, o então presidente dos EUA, Donald Trump, em um evento intitulado “*White House Conference on American History*”⁴, acusou a existência de décadas de doutrinação de esquerda nas escolas. Segundo Trump, isso ocorria a partir das teorias raciais críticas⁵ e de uma série de propagandas que haviam se espalhado por todo o ensino superior e treinamento de trabalhadores do país, provocando a desunião ao fazer com que os estudantes tivessem vergonha da história estadunidense. Para o então presidente, as mobilizações de rua e a cultura do cancelamento eram organizadas por grupos ligados a uma esquerda radical, apoiados por políticos

4 TRUMP, Donald John. **President Trump Delivers Remarks at the White House Conference on American History**. Apresentado em: White House Conference, Washington D.C., 17 set. 2020. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7WGVn6N1qPE>. Acesso em: 20 nov. 2023.

5 Teoria fundada nos EUA na segunda metade do século XX, a partir de autores como Derrick Bell no campo do direito e que ao longo dos anos teve sua análise transposta para estudos da educação, sociologia, etc. A acusação realizada por atores conservadores/reacionários à teoria se pauta na ideia de que, ao entender que as discriminações e o racismo não são ações realizadas por indivíduos, e sim que elas estariam presentes em toda a tessitura social, as teorias raciais críticas geraram um ataque à população branca que seria automaticamente enxergada como privilegiada, racista e opressora.

liberais, pela mídia e por grandes corporações que pretendiam silenciar pensamentos dissidentes e negar a grandeza e excepcionalidade dos EUA.

O discurso de Trump não apareceu de maneira isolada, sendo repetido em diversos momentos durante seu governo e em sua atual pré-campanha para as eleições presidenciais de 2024. Como exemplo, no dia 26 de janeiro de 2023, ao falar sobre suas propostas para a educação, Trump propôs cortes de fundos para quaisquer projetos que englobassem teoria racial crítica, “ideologia de gênero” e outros conteúdos raciais, sexuais ou políticos, considerados em sua leitura como “inapropriados” para crianças. Junto a isso, ele pretende encaminhar ao Departamento de Justiça e Educação investigações civis sobre qualquer escola que tiver se engajado em discriminações contra asiáticos-americanos ou ao ensinamento judaico-cristão, propôs demitir funcionários administrativos ligados às áreas de equidade, diversidade e inclusão, com a justificativa de remover radicais marxistas infiltrados no departamento de educação, assim como defendeu transformar legislações para que elas permitam valorizar, de forma “meritocrática”, professores “patriotas”⁶ e garantir o direito de os pais realizarem demissões através de votações⁷.

A fala de Trump se pautou em uma lógica que compreende que as universidades do país estão dominadas por “marxistas, maníacos e lunáticos”⁸ e reproduz a cristalização de décadas de retóricas presentes no debate público estadunidense, que entendem as crises da educação básica estadunidense como resultado da formação politizada de professores nas universidades do país. Essas retóricas introduziram gramáticas próprias, a partir de uma articulação entre a produção de intelectuais conservadores/reacionários, movimentos de ativistas e de políticos ligados ao Partido Republicano. A partir dessa articulação, temas controversos como o politicamente correto⁹, a “ideologia de gênero”, a “cultura *woke*” e a crença de que a população branca, cristã e heterossexual sofria perseguições e perdia espaço no país foram reforçados, o que culminou nas últimas décadas em uma base política profundamente arraigada, consolidada em movimentos como o *Tea Party* e a *Alt Right* e em uma série de tentativas de ataque à liberdade de cátedra no país.

O fato é que, antes mesmo da fala do ex-presidente estadunidense, Guerras Culturais em torno da educação vinham sendo travadas no país, a partir de tentativas de definir quais os conteúdos, debates, perspectivas e metodologias deveriam ser inseridas ou removidas de escolas e universidades. Dentro dessas disputas, cada transformação social foi recebida por setores conservadores/reacionários como responsável pela decadência moral e pelas crises educacionais de cada década. Apple (2001, p. 57) mostrou que, embora a retórica neoconservadora se construa a partir de argumentos de “um ‘retorno’ a um padrão de qualidade melhor”, com demandas nacionais e estaduais por currículos e provas obrigatórias, com uma “revivificação da ‘tradição ocidental’, patriotismo e variantes conservadoras da educação do caráter”, ela também se manifesta essencialmente pelo medo do outro.

Para Martin (1996), a percepção de decadência e crise motivou levantes populares, mobilizações políticas, a participação em cargos eletivos em conselhos educacionais e propostas de legislações

6 Professores que defenderiam a “tradição americana” e a “Civilização Ocidental”.

7 TRUMP, Donald John. ‘**Pink-Haired Communists Teaching Our Kids!’: Trump Reveals Plan To ‘Save American Education’**. Apresentado em: EUA, 30 jun 2023. YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EdOR-880Ribo>. Acesso em: 20 nov. 2023.

8 Como expresso no discurso do político republicano.

9 Giroux (2008) explica que o termo politicamente correto foi utilizado pela primeira vez em 1990, em um discurso do então presidente George Bush na Universidade de Michigan. Após o discurso, o termo se espalhou por jornais e revistas como a *Time*, o *New York Times* e o *Washington Post*.

limitantes da atuação docente em todos os níveis educacionais. Para reorganizar o entendimento sobre a atuação das novas direitas, principalmente as vertentes ligadas a um conservadorismo cultural, na educação é importante compreender que, nos EUA, ela se entrelaçou historicamente a partir de três retóricas principais, as quais utilizaremos como categorias analíticas:

A primeira se relaciona à ideia de infiltração de grupos no país com a intenção de corromper os jovens e desvirtuar os “valores comuns que construíram a Nação”. Essa retórica apresentou-se com uma grande variedade de possíveis inimigos ao longo do tempo, algumas vezes, relacionada à chegada de imigrantes não protestantes (que motivaram movimentos nativistas, leis imigratórias restritivas e a negação da implementação da educação bilíngue, como nos exemplos ocorridos nos anos 1910 e 1920). Em outros casos, como resultado de conflitos e guerras com o envolvimento dos EUA ao longo de todo século XX e XXI, foi reforçada a necessidade de estabelecer padrões homogeneizantes sobre a diversidade cultural presente no país.

A busca por homogeneidade e o temor ao outro estabeleceram a perseguição a socialistas, comunistas e anarquistas, estimularam no pós-segunda-guerra a organização de movimentos tradicionalistas pioneiros em relacionar educação e o medo de lavagem cerebral sobre os jovens¹⁰, atuaram contra o processo de dessegregação e a implantação de legislações que inseriram políticas afirmativas e que diversificaram o público nas universidades após os anos 1960.

Destacar os anos 1950 e 1960 é importante, pois são décadas marcadas por um momento de intensa transformação social e fortalecimento das reivindicações por inserção e reconhecimento que se refletiram fortemente na educação. Ao mesmo tempo, é o momento de consolidação da nova direita estadunidense¹¹, a partir da campanha presidencial de Barry Goldwater e do surgimento de organizações políticas e revistas como a *National Review*.

Se o período representa um momento de transformação para o país, os anos que se seguiram mantiveram um debate profundamente acirrado e com atuação constante de movimentos de viés conservador/reacionário que se colocavam, em alguns momentos como defensores dos direitos estaduais para definir suas próprias legislações¹² e em outros como defensores de um ensino tradicional e de “qualidade”. Cabe esclarecer que a ideia de “qualidade” presente na retórica conservadora/reacionária se concentra em uma defesa de um currículo tradicional, entendido pelos conservadores como apolítico, uma vez que defende a ideia de uma sociedade onde não existiriam conflitos, relações de poder e interesses, suportada por cânones ocidentais e um conteúdo essencialmente focado na leitura e matemática¹³.

Como argumentou Mohl (1993), a crítica à diversidade se intensificou a partir dos anos 1990 com o surgimento de pesquisas atreladas às correntes mais paranoicas¹⁴ da direita, que entendiam as transformações trazidas pelo multiculturalismo como uma ameaça, o que motivou o surgimento

10 Nickerson (2014).

11 Aqui se manteve nova direita por ser o termo designado especificamente a esse movimento.

12 Um exemplo disso está na candidatura de Barry Goldwater à presidência em 1964, quando o candidato conservador se colocava contra as legislações por direitos civis com o argumento que o governo federal não poderia impor legislações aos estados.

13 Dentro dessa lógica, em outro pronunciamento realizado em 1 de novembro de 2023 em meio aos conflitos entre Israel e Palestina, Trump criticou o fato de jovens estadunidenses com nível universitário defenderem terroristas e, a partir disso, propôs que, se eleito, criará a *The American Academia*, uma universidade online e gratuita para a formação de trabalhadores, onde não serão permitidos conteúdos políticos, da cultura *woke* ou Jihadistas.

14 A partir da leitura de Hofstadter (2008).

de estudos divulgados, por esses grupos, como “subversivos”, uma vez que se diferenciavam da produção hegemônica das universidades, que passavam a se tornar mais inclusivas a conteúdos advindos de grupos não brancos. Indo por um caminho semelhante, Giroux (2008) mostrou que durante os anos 1990 muitos conservadores como Irving Kristol, Pat Buchanan, entre outros, passaram a direcionar mais fortemente suas críticas às demandas de movimentos minoritários, estabelecendo um ataque ao que eles denominavam de politicamente correto. Para o autor, esse movimento se construía como resposta à dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e se estabelecia como uma pauta de transição dos movimentos conservadores. As análises feitas por Mohl (1993) e Giroux (2008) são importantes para que se possa estabelecer a primeira categoria analítica, ou seja, a retórica de negação do outro por considerar que a diversidade seria antagônica à tradição ocidental.

Se essa primeira retórica se construiu a partir da negação do outro, a segunda também ganhou força com a consolidação de vertentes atreladas à nova direita estadunidense [entendida aqui a partir de três grupos, como classificaram Sorman (1981) e Nash (2006), sendo eles: conservadores culturais¹⁵, libertários¹⁶ e a atuação da nova direita religiosa¹⁷] e se estruturou a partir da ideia que existe uma negação de um debate plural na educação do país. Essa demanda por “pluralidade” passava longe da aceitação de novas teorias ou métodos, o que se defendia era que as ideias conservadoras, religiosas e associadas ao neoliberalismo haviam perdido influência e que elas deveriam receber o mesmo espaço que outras correntes dentro do ambiente universitário. Essa retórica ganha volume após as legislações que traziam o crescimento da diversidade nos campi e, conseqüentemente, a necessidade de uma reestruturação do currículo e das estruturas das universidades para agregar as demandas dos grupos recém-inseridos e que não se sentiam representados nos currículos dessas instituições.

Esse tipo de retórica se manteve constante na produção de autores da nova direita estadunidense, tendo como marco simbólico a obra de 1951 de William F. Buckley Jr., *God and Man at Yale*, ao qual, o jovem autor acusava professores da universidade de abraçarem ideias liberais (keynesianas) e coletivistas. Essa obra, nas décadas seguintes, motivou uma série de novas organizações e fundações que se preocupam em propagar e financiar a produção de intelectuais conservadores. Como mostraram Burris e Diamond (1991), fundações como a *Olin Foundation* financiaram as pesquisas de Alan Bloom, Samuel Huntington, Michael Novak e David Horowitz. Esses financiamentos intentavam ampliar o “patamar moral nas universidades”, o que fez com que, durante os anos 1970, cerca de 70 publicações de estudantes conservadores/reacionários recebessem um orçamento anual de aproximadamente um milhão de dólares. A partir dessa retórica, o artigo estabelece a sua segunda categoria analítica, definida pela ideia de que as universidades excluíram autores e temas conservadores/reacionários de seu debate.

Por fim, a terceira retórica, que deriva fortemente da segunda, compõe nossa terceira categoria analítica, pois, ao partir da ideia de ausência de espaço para as ideias conservadoras nas universidades, concluía que isso levava a uma perseguição a professores e alunos que não se enquadrarem

15 Como mostrou Gottfried (2007), representados pela disputa entre dois grupos: Neoconservadores como Kristol, Podhoretz, Himmelfarb, etc., que possuíam suas origens em um grupo de intelectuais de Nova York e defendiam posições intervencionistas na política externa e a assimilação de imigrantes e os Paleoconservadores, cuja figura de maior destaque foi o político católico Pat Buchanan, que defendiam uma postura externa isolacionista e a rejeição a imigrações.

16 Neoliberais, Anarcocapitalistas e outras correntes ultraliberais.

17 Que ganhou força a partir do final da década de 1970 com movimentos liderados por televangelistas como a *Moral Majority* (durante os anos 1980) e a *Christian Coalition* (nos anos 1990).

nas mudanças progressistas inseridas na educação. Essa ideia que parece bastante recente, em tempos de cancelamentos e combates virtuais, vem sendo construída ao longo das últimas décadas pelas novas direitas estadunidenses, em obras como Bloom (1988), Himmelfarb (1995), D'Souza (1991), Horowitz (2002; 2009), Shapiro (2020), Levin (2021), entre outros e produz como resposta uma quixotesca cruzada do indivíduo que se levanta contra essa “universidade corrompida”.

Essas três retóricas estabelecem o mito de que as universidades, especialmente as públicas do país, haviam sido dominadas por professores fortemente influenciados por sentimentos antipatrióticos, gestados pelos ideais dos movimentos sociais dos anos 1960-1970, que influenciariam jovens estudantes a agir como “turbas ensandecidas”¹⁸, atacando qualquer um que discordasse das ideias progressistas dominantes. Levin (2021, p. 32) argumentou que a partir da “teoria do movimento social”¹⁹ acadêmicos estabeleceram uma glamourização de movimentos revolucionários e de massas que se constroem como “respostas justas e irreprocháveis a uma sociedade opressora, desigual, injusta, racista e imoral”. Para o autor, essa pedagogia vem sendo replicada por uma série de professores universitários que entendem a pesquisa em ciências humanas como um ativismo político e que esses professores estimulam seus alunos a não tolerar pensamentos divergentes.

Aqui se aponta como mito, pois, como mostrou Parenti (1995) a história das universidades estadunidenses está marcada por trajetórias de subfinanciamento e perseguições a professores progressistas, como os casos de Angela Davis durante os anos 1970 e 1980 na Universidade da Califórnia, de Marlene Dixon (demitida da Universidade de Chicago), Bruce Franklin (demitido da Universidade de Stanford) e de constantes casos de cortes de financiamentos como os ocorridos com Wright Mills após a publicação de seu livro *as Elites do Poder*.

Como forma de melhor direcionar o recorte nessa discussão, o artigo se concentrará na atuação de David Horowitz e em sua tentativa de aprovar o *Academic Bill of Rights*, no início dos anos 2000, nos EUA. Para compreender a importância da seleção desse autor e projeto, é necessário contextualizar um pouco do debate produzido por alguns dos autores conservadores/reacionários durante o período anterior à proposta. Para isso, o artigo parte de dois textos e tem a intenção de ilustrar a produção do período sobre o tema: o primeiro é o artigo de Gertrude Himmelfarb (1995) na revista *Commentary Magazine*, no qual a historiadora neoconservadora argumenta contra as transformações da universidade, a partir de seu entendimento da pós-modernidade. Já o segundo, se concentra no livro de Alan Bloom (1989), referência conservadora/reacionária das transformações das universidades e da sociedade estadunidense após os anos 1960.

O texto de Himmelfarb (1995) parte do caso envolvendo o professor Leonard Jeffries da *College City of New York*, que passou por uma tentativa de remoção de seu cargo em 1992, após, segundo a autora, ter defendido uma supremacia negra e ter responsabilizado judeus pelo tráfico de escravizados em sua aula. Usando o exemplo, Himmelfarb (1995) discute a liberdade de expressão de professores e os motivos das entidades que se engajaram na defesa do professor. A autora questiona o limite da liberdade de expressão na sala de aula, e argumenta que, na maioria das universidades do país, professores se acostumaram a expressar suas opiniões livremente, mesmo quando essas opiniões vão além de sua competência profissional. Para ela, mais do que expressar

18 Como argumenta Levin (2021).

19 O comentarista trumpista define teoria do movimento social como uma mistura entre a influência de movimentos de viés marxistas e anarquistas e suas características coletivistas, associada aos movimentos raciais e de gênero que implicariam na valorização por parte do pensamento universitário do processo revolucionário e do “ódio à América”.

suas opiniões, "eles se sentem livres para promover causas, interesses e organizar atividades de todo tipo" (Himmelfarb, 1995, p. 2).

O argumento defendido pela autora é que as transformações ocorridas nas universidades levaram a um desvio do que é discutido em sala de aula. Como exemplo, Himmelfarb (1995) argumenta que em uma aula sobre Shakespeare pode-se apresentar um Hamlet, o qual, o professor, a partir de sua própria visão sobre homossexualidade e "direitos gays", distorcerá o texto para que ele pareça um debate sobre o tema. Isso ocorre pois o espírito da pós-modernidade "é um radical ceticismo e relativismo que rejeita a ideia de verdade, o conhecimento, a razão, ou a objetividade" (Himmelfarb, 1995, p. 3). Essa rejeição viria da problematização presente nas humanidades que teria passado a entender todas as discussões a partir de desejo e poder, o que faria com que mesmo a ideia de verdade fosse politizada.

O texto de Himmelfarb (1995) traz um ponto central para a compreensão das retóricas destacadas neste artigo, especialmente no que se refere à questão da negação da diversidade e do outro. O entendimento de "verdade" defendido pela autora constantemente se direciona a uma ciência e cultura produzida por grupos específicos da sociedade estadunidense ou vinculados à Tradição Ocidental. Ao realizar essa defesa, a autora estabelece que essa tradição é apolítica, interpretando-a como um legado de toda a humanidade, o que faz com que a inserção de outras leituras sobre a história ou outros temas advindos de grupos não brancos nas universidades sejam imediatamente categorizados como atos políticos ou doutrinários. Himmelfarb adota uma estratégia comumente utilizada por autores conservadores/reacionários, destacando um caso controverso para, a partir dele, estabelecer uma generalização que representa todo um movimento, conjunto de professores ou conteúdos presentes em todas as universidades. Essa generalização tem como papel principal estimular as redes de militância e estabelecer uma vigilância sobre o que os demais professores poderiam estar defendendo.

O segundo texto, publicado por Bloom (1989), parte de uma chave semelhante. Ao observar as transformações da universidade e da sociedade estadunidense, o autor entende que os estudantes universitários passaram a perder a relação com as características que fizeram o país excepcional. Os estudantes não conseguem mais se conectar com o passado, não conseguem projetar o futuro, e isso ocorre porque eles não possuem nada que os prenda. Afinal, não precisam se preocupar em cuidar dos pais idosos, projetar constituir uma família ou estar casados (já que sabem que os casamentos estão estatisticamente fadados ao fracasso). Para ele, mesmo quando esses jovens constroem suas relações, elas são instantâneas e não produzem um estreitamento de laços, visto que, a facilidade trazida pela liberação sexual, construiu relações que são momentâneas e sem vínculos.

Esses jovens teriam dificuldades para lidar com os seus próprios preconceitos, uma vez que se tornaram inseguros pelo medo de serem acusados de racistas e, passaram a guardar para si os desconfortos que sentem quando se defrontam com a diferença. Bloom (1989, p. 115) questiona que em muitos momentos, jovens brancos na universidade tem dificuldades para se relacionar com os estudantes não brancos, pois, embora não possuam preconceitos relacionados à raça, são constantemente forçados a conviver com o tema do racismo, ou seja, "não se esqueceu a ideia de raça na universidade, conforme se predizia e confiantemente se esperava, quando as barreiras foram demolidas".

Ao refletir sobre o que ele identifica como crise da universidade, Bloom (1987) traça uma pintura embasada nas três retóricas apontadas nesse artigo, seja pela negação do outro nas universidades, entendendo a existência de uma politização da diversidade como responsável pela queda na qualidade da educação, seja pela defesa dos cânones e de conteúdos ditos não politizados, seja pela

justificativa de um desconforto dos estudantes brancos com a pressão para não serem preconceituosos. Esse tipo de leitura passa a ser reproduzida de maneira bastante consistente por outros autores das novas direitas, estimulando movimentos e proposições sempre pautadas em ideais como liberdade, qualidade, neutralidade e, principalmente, a ideia das transformações enxergadas como estratégias políticas de doutrinação.

Embora o artigo tenha destacado duas produções específicas, os outros textos citados no decorrer do artigo seguem caminhos e estratégias semelhantes, destacando a ideia de crise da educação pela inserção de conteúdos vistos por eles como doutrinários e se utilizando de exemplos de fácil reconhecimento para apontar determinados professores como antipatrióticos e doutrinadores. Nesse sentido, a intenção até aqui foi mais pontuar um quadro geral, mostrando como essas ideias vêm sendo reforçadas ao longo das últimas décadas para que se possa entender na sequência como esse movimento se consolida em estratégias de controle da atividade docente.

Tentativas de controle da educação superior estadunidense: O Academic Bill of Rights

Para ilustrar as propostas de controle da educação por conservadores/reacionários nos EUA, o artigo utiliza como referência o *Academic Bill of Rights*, proposto por David Horowitz (2002) e a estrutura de mobilização política criada pelo comentarista conservador em prol da aprovação do projeto, principalmente com a criação do *Students for Academic Freedom*. A organização, liderada por Horowitz, atualmente tem 32 sedes em diversas universidades dos EUA²⁰ e teve um papel central na primeira década do século XXI em cerca de 20 tentativas de aprovar legislações estaduais que se pautavam em restrições à liberdade de cátedra e demandavam que os conteúdos debatidos nas universidades fossem divididos de maneira semelhante entre conservadores e liberais (Gross e Simmons, 2006). Segundo o site da organização (*Students for Academic Freedom*, 2003, tradução nossa), sua missão seria:

1-Promover a diversidade intelectual nos campi, 2- defender o direito de estudantes de ser tratados com respeito pela faculdade e administradores resguardando suas crenças políticas e religiosas, 3- promover justiça, civilidade e inclusão nos assuntos estudantis, 4 Assegurar a aprovação do “*Academic Bill of Rights*” como política oficial das universidades. (Tradução Nossa)²¹

O neoconservador David Horowitz é mais uma dessas figuras controversas da história das novas direitas estadunidenses, que após anos de militância em movimentos de esquerda se “transformou” em um feroz opositor. Descendente de uma família de origem soviética, o comentarista cresceu em uma casa defensora das ideias comunistas e durante os anos 1960 foi um participante ativo dos movimentos ligados à nova esquerda, tendo bastante proximidade, no início dos anos 1970, com lideranças do Partido Panteras Negras. Segundo Horowitz, sua ruptura com a esquerda ocorreu após uma contadora, indicada por ele para o partido, chamada Betty Van Patt, ter sido espancada até a morte em um crime não solucionado. Após esse episódio, ele passou a acusar o

20 *STUDENTS FOR ACADEMIC FREEDOM*, 2003. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20030808194212/http://www.studentsforacademicfreedom.org/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

21 “1. To promote intellectual diversity on campus; 2. To defend the right of students to be treated with respect by faculty and administrators, regardless of their political or religious beliefs; 3. To promote fairness, civility and inclusion in student affairs; 4. To secure the adoption of the “*Academic Bill of Rights*” as official university policy.”

movimento de ser responsável pelo crime e a identificar os movimentos ligados ao espectro político da esquerda como uma ameaça à democracia e ao modo de vida estadunidense.

Após essa ruptura, Horowitz galgou uma carreira como comentarista e ativista e alcançou influência no Partido Republicano e nos círculos da nova direita estadunidense. Essa carreira foi consolidada pelo destaque de seus textos durante os anos 1990 na revista *National Review* e por uma produção bibliográfica bastante polêmica com enfoque na defesa da Tradição Ocidental que englobava apoio ao Estado de Israel, críticas a grupos minoritários e islâmicos, além de constantes acusações contra uma suposta doutrinação nas escolas e universidades do país, uma vez que a porcentagem de professores universitários que se identificavam como democratas seria superior à de republicanos.

Atualmente, Horowitz é fundador do aparelho privado de hegemonia *David Horowitz Freedom Center (DHFC)*, um aglutinador de suas iniciativas como a *Frontpage Magazine* (jornal ligado a nova direita estadunidense), o *Jihad Watch* (que tem a intenção de noticiar a perseguição de não muçulmanos por Jihadistas em países como China, Índia e no Oriente Médio, a partir do argumento de que não se tem cobertura sobre esses acontecimentos na imprensa desses países²²), o *Discover the Networks* (que se propõe mapear e comentar a agenda da esquerda nos EUA) e o *Freedom Center on Campus* (que possui a intenção de condensar a produção de Horowitz e de outros comentaristas da nova direita estadunidense sobre educação, com enfoque no ensino básico (K-12) e na defesa de Israel nas universidades). Nesse sentido, de acordo com a definição presente em seu site (tradução nossa): “O DHFC é dedicado à defesa das sociedades livres, cuja fundação moral, cultural e econômica está sob ataque de inimigos seculares e religiosos, internamente e externamente”²³.

A intenção ao destacar o *Academic Bill of Rights* se atrela à preocupação em relacionar as retóricas debatidas na passagem anterior deste artigo com mobilizações e tentativas de promulgar legislações e alterar o funcionamento das universidades a partir de uma lógica de liberdade de cátedra ligada aos interesses de movimentos conservadores/reacionários. Segundo Horowitz (2009), o documento foi elaborado no ano de 2002 e encaminhado primeiramente para a direção da Universidade do Estado de Nova York, com o intuito de promover a diversidade intelectual nos campi universitários, e se constituiria a partir de dois direitos básicos, um voltado para os professores e outro para os estudantes. Para o autor, a proposta seria uma tentativa de esclarecer e proteger a atuação dos professores, uma vez que não existiam definições claras sobre essa atuação, ao mesmo tempo em que, “enumeraria os direitos dos estudantes de não ser doutrinados ou atacados por propagandas políticas na sala de aulas ou em qualquer outro espaço educacional” (Horowitz, 2004, tradução nossa).

Cabe também debruçar-se um pouco sobre o conteúdo presente na proposta. Horowitz (2002, p. 1, tradução nossa) inicia seu documento definindo o papel das universidades nos EUA, argumentando algumas características como:

22 “Why Jihad Watch? Because non-Muslims in the West, as well as in India, China, Russia, and the world over, are facing a concerted effort by Islamic jihadists, the motives and goals of whom are largely ignored by the Western media, to destroy their societies and impose Islamic law upon them — and to commit violence to that end even while their overall goal remains out of reach. That effort goes under the general rubric of jihad.” JIHAD WATCH, 2024. **Why Jihad Watch?** Disponível em: <https://www.jihadwatch.org/why-jihad-watch>. Acesso em: 20 nov. 2023.

23 “The DHFC is dedicated to the defense of free societies whose moral, cultural and economic foundations are under attack by enemies both secular and religious, at home and abroad.” DAVID HOROWITZ FREEDOM CENTER, 2024. **About David Horowitz Freedom Center.** Disponível em: <https://www.horowitzfreedomcenter.org/about/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

A busca pela verdade; a descoberta de conhecimentos através da pesquisa; o estudo fundamentado no criticismo intelectual e nas tradições culturais; o desenvolvimento dos estudantes para que eles se tornem cidadãos criativos e produtivos de uma democracia pluralista e a transmissão de conhecimento e aprendizado para uma sociedade em geral.

Para amarrar esse papel e relacioná-lo à sua proposta, o intelectual conservador argumenta a partir da liberdade de cátedra e da liberdade de aprender na história dos EUA. Para isso, ele parte de alguns documentos advindos da *General Report of the Committee on Academic Freedom* e da *Tenure of the American Association of University Professors*, publicados a partir de 1915 e que tentavam estabelecer deveres e direitos educacionais nos EUA. É determinante apontar que os documentos utilizados pelo autor criam parâmetros para a atuação docente nos EUA e estão vinculados a contextos históricos bastante complexos, como o debate em torno da liberdade religiosa, a preocupação com a forma de educar no decorrer das duas grandes Guerras Mundiais e da Guerra Fria. Então, retomá-los sem a devida contextualização para delimitar o debate sobre liberdade de cátedra no século XXI constrói alguns anacronismos, que no texto de Horowitz são dispostos para estabelecer o conteúdo dessas decisões sem levar em conta o debate público presente neles.

A preocupação sobre o posicionamento político de professores universitários sequer figurava como uma das preocupações centrais para os estudantes. Como destacou Gross (2006), a preocupação com o posicionamento político de professores no interior da sala de aula aparecia nas respostas de cerca de 8,2% dos entrevistados, enquanto, outros temas como os altos preços da educação apareciam como problema mais marcante com 42,8%. Dentro dessa mesma pesquisa, cerca de 12,5% descreviam alguns professores como radicais e 8,9% utilizavam o termo perigoso.

O fato é que, ao construir seu texto a partir desses debates, o autor entrelaça a ideia de liberdade de cátedra a um entendimento da liberdade de aprender inserida no documento de 1915, que se pauta na imaturidade dos estudantes, indicando que o professor poderia se aproveitar desses alunos ao impor suas próprias ideologias ou ao negar que esse aluno tenha acesso a uma pluralidade de pontos de vista. Aqui se insere uma armadilha presente na narrativa conservadora/reacionária sobre a neutralidade educacional, visto que, ao negar ao estudante seu caráter político, entendendo-o como uma “esponja acrílica” ignora-se que esse estudante, nos tempos atuais, é constantemente bombardeado por uma série de conteúdos, muitos deles construídos à margem do saber científico e que, fora do ambiente acadêmico, não passam por contraposições e necessidades de comprovações.

Nesse sentido, ao elaborar sua proposta, Horowitz (2004) delimita a atuação do docente apenas aos temas específicos de sua formação, restringindo com isso suas atuações. Essa argumentação com roupagem de uma defesa da qualidade acadêmica e da formação do professor negaria a possibilidade de discussões transdisciplinares, ao mesmo tempo em que impediria o professor universitário de se posicionar como um intelectual público. Dentro dessa lógica, como exemplo, um professor de literatura inglesa do século XIX somente poderia apresentar, em sua sala de aula, temas específicos de sua contratação, não podendo construir relações com a história do século XIX, ou debater temas como o papel das mulheres no período. A estratégia dessa proposta se concentra em restringir o debate acadêmico ao currículo formal, uma vez que, só poderia ser debatido no interior das universidades temas já presente nas estruturas curriculares dos cursos, o que impediria a inserção de novas temáticas e abordagens.

Curiosamente, ao mesmo tempo em que estabelece essa proposta de congelamento dos conteúdos ao que já estaria presente nas universidades, Horowitz também questiona os currículos formais dessas instituições, argumentando agora a partir de uma defesa da pluralidade de conteúdo. Aqui

novamente percebe-se um retorno à retórica produzida por movimentos de viés conservadores/reacionários, aos quais se reforça que as universidades retiraram os argumentos voltados à tradição e à religiosidade de suas estruturas curriculares, negando com isso um debate pautado na pluralidade. Assim, cria-se uma retórica pendular que em alguns momentos tenta restringir a inserção de temáticas e em outro busca inseri-las.

Dentro dessa lógica, o ativista neoconservador diz que a proposta em momento algum defenderia a demissão de professores, apenas pretendia garantir que os calouros das universidades recebessem bibliografias de autores conservadores, inclusive, textos que apontariam a existência de um domínio liberal nas universidades. Retomando as retóricas tratadas na primeira parte deste artigo, Horowitz (2004; 2006) indica que essa proposição seria uma forma de evitar também que em estados com preponderância de professores republicanos existisse um domínio das ideias do partido. Dessa forma, Horowitz (2009) defende que o documento possuía um caráter apartidário e que, em um primeiro momento, ele havia sido bem aceito pela comunidade acadêmica e por ambos os principais partidos do país. Contudo, a proposta teria passado por uma campanha de difamação fomentada por setores radicalizados da esquerda que mobilizaram professores e estudantes liberais em prol da rejeição do projeto.

A questão é que organizações com enfoque na liberdade de cátedra como a *American Association of University Professors* (2003, tradução nossa) se colocaram contrárias ao projeto, entendendo que ele partia de “um método impróprio e perigoso de implementação”²⁴. De acordo com a mesma associação, a proposta consistia em “proteger um princípio que já funcionava bem”²⁵, amarrando em seu texto uma série de indefinições que abriam brechas para a perseguição de professores ou interferiam nas escolhas feitas pelos professores para suas aulas. Embora Horowitz falasse em pluralidade, o projeto pretendia forçar a inclusão de textos de viés conservador/reacionário, ao mesmo tempo que inseria no corpo do texto uma compulsoriedade dos professores adotarem esses temas.

Com a mobilização contrária ao projeto, as universidades recusaram a sua implementação após deliberações de seus conselhos universitários. Entretanto, Horowitz procurou outros caminhos para garantir que elas adotassem sua proposta. Isso fez com que, em 2004, ele buscasse apoio político no Senado dos EUA, tendo seu projeto encampado por alguns senadores do partido republicano, como o então presidente do Senado John K. Andrews Jr. Diante da inviabilidade de uma aprovação em nível federal, a estratégia adotada pelo ativista neoconservador foi buscar as assembleias estaduais de maioria republicana, como exemplo o estado do Colorado. Com um legislativo de maioria republicana, o texto foi rapidamente aprovado no comitê educacional da casa dos representantes do Colorado, em uma votação bastante apertada (6 votos a 5). De acordo com o autor, após as eleições de meio termo, a composição da casa se alterou com os republicanos perdendo a maioria, o que fez com que o projeto fosse rejeitado.

24 “Although Committee A endorses this principle, which we shall call the ‘principle of neutrality’, it believes that the Academic Bill of Rights is an improper and dangerous method for its implementation”. *ASSOCIATION OF UNIVERSITY PROFESSORS*, 2003. **Academic Bill of Rights**: The statement that follows was approved for publication by the Association’s Committee A on Academic Freedom and Tenure in 2003. Disponível em: <https://www.aaup.org/report/academic-bill-rights>. Acesso em: 20 nov. 2023.

25 “There are already mechanisms in place that protect this principle, and they work well. Not only is the Academic Bill of Rights redundant, but, ironically, it also infringes academic freedom in the very act of purporting to protect it”. *ASSOCIATION OF UNIVERSITY PROFESSORS*, 2003. **Academic Bill of Rights**: The statement that follows was approved for publication by the Association’s Committee A on Academic Freedom and Tenure in 2003. Disponível em: <https://www.aaup.org/report/academic-bill-rights>. Acesso em: 20 nov. 2023.

A rejeição à aprovação apenas ampliou a notoriedade de Horowitz entre setores das novas direitas, possibilitando que essa estratégia se replicasse em outros estados. Ao mesmo tempo, a *Students for Academic Freedom* foi ampliando sua atuação em diversos campi universitários, produzindo uma constante mobilização que procurava divulgar supostos casos de doutrinação ocorridos.

Considerações finais

Ao estabelecer a metodologia de Hirschman como norte para realizar a análise sobre o *Academic Bill of Rights*, o artigo propôs trazer ferramentas teóricas e conceituais para compreender outras retóricas conservadoras/reacionárias, inseridas no contexto da atuação da nova direita estadunidense, em temáticas relacionadas à educação. Por esse motivo, embora siga a estratégia teórico-metodológica estabelecida pelo autor, esse artigo abandonou as teses da perversidade, da futilidade e da ameaça, para pensar outras que melhor disporiam as estratégias conservadoras/reacionárias no debate sobre a atuação de professores e das universidades.

Ao centrar na negação do outro, na crítica à ausência de pluralidade das universidades por não incluir as ideias conservadoras/reacionárias e na ideia de perseguição a conservadores/reacionários no ambiente acadêmico, consegue-se entender uma estratégia política que seleciona conteúdos, em alguns momentos exigindo a inserção e em outros recusando e coibindo. Ao mesmo tempo, ataca ao longo dos anos novas metodologias e teorias, seja a pós-modernidade, a teoria racial crítica, a teoria queer, ou qualquer outra que compreenda os conflitos sociais para além de uma ótica da responsabilização pessoal.

Nesse sentido, entender como essas retóricas vão sendo reproduzidas ao longo do tempo torna possível perceber que as recentes propostas de Trump não foram construídas vinculadas estritamente ao presente. São reflexos de processos e disputas que criaram uma gramática própria produzida por intelectuais, ativistas e lideranças políticas ao longo das últimas décadas. Com isso, a atuação de Horowitz se tornou central, visto que o autor se destaca pela sua interseção entre a produção intelectual conservadora/reacionária, a mobilização política (ao liderar organizações como a *Students for Academic Freedom*) e a influência das novas direitas estadunidenses em setores dominantes do Partido Republicano. Isso faz com que, embora a proposta de Horowitz tenha sido apresentada no início dos anos 2000, sua relevância ainda hoje permaneça presente, pois ela foi articulada a partir do debate teórico sobre doutrinação construído pela nova direita estadunidense ao longo das últimas décadas. Com isso, condensa uma série de tentativas de controle da educação e das universidades por movimentos, políticos e atores relacionados à nova direita estadunidense.

Ao mesmo tempo, desvelar essas retóricas permite pensar as transposições/traduições da ideia de professor doutrinador, realizadas pelas novas direitas brasileiras durante os últimos anos, mostrando a interligação desses movimentos ao redor do mundo. Assim, embora a atuação das novas direitas brasileiras tenha se consolidado com as propostas neoliberais de educação (marcadas pela reforma do ensino médio e a aprovação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC), é importante entender como no Brasil vem se articulando uma lógica que procura atacar a liberdade de cátedra. Essa lógica é estruturada de maneira bastante similar as desenvolvidas nos EUA e se estabelecem em projetos como o Escola Sem Partido e na recente Frente Parlamentar em Defesa da Educação sem Doutrinação Ideológica, o que torna a discussão presente nesse artigo ainda mais urgente.

Referências

- APPLE, Michael, W. **Educação à Direita: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BLOOM, Allan. **O Declínio da Cultura Ocidental: da crise da universidade a crise da sociedade**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1989.
- BUCLEY JR. William, F. **God and Man at Yale: 50th Anniversary Edition**. Wilmington: Isi Conservative Classics, 2004.
- BURRIS, Val; DIAMOND, Sara. Academic freedom, conspicuous benevolence, and the National Association of Scholars. **Critical Sociology**, v. 18, n. 3, p. 125-142, 1991.
- D'SOUZA, Dimesh. **Illiberal Education: The Politics of Race and Sex on Campus**. New York: The Free Press, 1991.
- FAIRCLOUGH, Norman. Political correctness': The politics of culture and language. **Discourse & Society**, v. 14, n. 1, p. 17-28, 2003.
- GIROUX, Henry A. Teaching in the age of "political correctness". In: The Educational Forum. **Taylor & Francis Group**, v. 59, n. 2, p. 130-139, 1995.
- GROSS, Neil; SIMMONS, Solon. **Americans' Views of Political Bias in the Academy and Academic Freedom**. [S.l.]: Working Paper, 2006.
- GOTTFRIED, Paul Edward. **Conservatism in America: Make sense of the American Right**. New York: Paulgrave Macmillan, 2007.
- HIMMELFARB, Gertrude. Academic Advocates. Recent discussions of academic freedom have focused on one particularly egregious case of professorial racism and anti-Semitism. **Commentary Magazine**, 1995. Disponível em: <https://www.commentary.org/articles/gertrude-himmelfarb/academic-advocates/>. Acesso em: 2 out. 2023.
- HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência. Perversidade, Futilidade e Ameaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOFSTADTER, Richard. **The Paranoid Style in American Politics**. New York: Vintage, 2008.
- HOROWITZ, David. **Academic Bill of Rights**. Washington, DC: Students for Academic Freedom, 2002
- HOROWITZ, David. In Defense of Intellectual Diversity. **The Chronicle of Higher Education**, v. 50, p. 12, 2004. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/in-defense-of-intellectual-diversity/>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- HOROWITZ, David. **Indoctrination U: The Lefts War Against Academic Freedom**. New York: Encounter Books, 2009.
- LEVIN, Mark R. **Marxismo Americano**. São Paulo: Citadel, 2021.
- MARTIN, William. **With God on Our Side: the rise of the religious right in America**. New York: Broadway Books. 1996.
- MOHL, Raymond A. **The Culture Wars and the Universities**. The Educational Forum, Vol. 58, 1993.
- MOLLER, Dan. Dilemmas of political correctness. **Journal of Practical Ethics**, v. 4, n. 1, 2016. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/MOLDOP>. Acesso em: 1 set. 2023.
- NASH, George H. **The conservative intellectual movement in America since 1945**. [S.l.]: Simon and Schuster, 2023.
- NICKERSON, Michelle M. **Mothers of Conservatism: Women and the Postwar Right**. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- PARENTI, Michael. "The myth of the liberal campus". **The Free Library**, 1995. American Humanist Association. Disponível em: <https://www.thefreelibrary.com/The+myth+of+the+liberal+campus.-a017449525>. Acesso em: 7 set. 2023.
- SHAPIRO, Ben. **Lavagem Cerebral: Como as Universidades Doutrinam a Juventude**. São Paulo: Trinitas, 2020.

“Marxists, maniacs and lunatics”: the rhetoric of the new right about the domination of the left in the United States universities

Abstract

The new American rights argue that contemporary education is in crisis due to leftist domination. From the perspective of Albert Hirschman, the article identifies three reactionary theses mobilized against contemporary education: the denial of other people’s existence, the lack of pluralism, and persecution. Then, this article analyzes the production of David Horowitz, one of the principal intellectuals of the new American rights, to illustrate these theses. Observations indicate that reactionary theses about education are paramount to understanding the new right’s role in this field. These theses mobilized intend to legitimize the attack on public education and diversity and to promote conservative education.

Keywords: new right; education; reactionary theses; David Horowitz.

“Marxistas, maníacos y lunáticos”: la retórica de la nueva derecha sobre el dominio de la izquierda en las universidades de los Estados Unidos de América

Résumé

Las nuevas derechas estadounidenses sostienen que la educación contemporánea está en crisis debido a la dominación izquierdista. Desde la perspectiva de Albert Hirschman, el artículo identifica tres tesis reaccionarias que se movilizan contra la educación contemporánea, a saber: la negación del otro; la falta de pluralismo; y persecución. Este artículo, entonces, analiza la producción de David Horowitz, uno de los principales intelectuales de las nuevas derechas estadounidenses, para ilustrar estas tesis. Las observaciones indican que las tesis reaccionarias sobre la educación son importantes para comprender el papel de las nuevas derechas en el campo educativo. Estas tesis se movilizan para legitimar el ataque a la educación pública y a la diversidad, y para promover la educación conservadora.

Palabras-Claves: nueva derecha; educación; tesis reaccionarias; David Horowitz.

HISTÓRICO
Recebido: Dezembro/23
Parecer: Janeiro/24
Parecer: Janeiro/24
Aceito: Março/24
Revisado Autor: Março/24
Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Abril/24
Revisado Autor: Abril/24
Publicado: Maio/24

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo
Marina de Souza Sartore (Editora-Chefe)